



GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):

Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performativity; entre outros

"É os guri na CB de novo": práticas e sociabilidades entre jovens em um bairro boêmio de Porto Alegre/RS

Autoria: Joanna Munhoz Sevaio (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Em Porto Alegre/RS, o bairro Cidade Baixa é significado e vivenciado enquanto lugar de boemia, desde o tempo do sambista Lupicínio Rodrigues (1914-1974) até hoje o lazer noturno conduz grande parte das atividades do bairro. Bares, lanchonetes, casas de shows, restaurantes, boates e cafés estão entre os estabelecimentos que promovem as aglomerações encontradas na ?CB?. Em minha pesquisa de mestrado desenvolvo etnografia sobre as controvérsias públicas envolvendo moradores e frequentadores de lá, o que tem se avolumado recentemente for um fenômeno: as ruas como lugar essencial de sociabilidade juvenil. Neste work exploro minhas experiências de pesquisa com um grupo específico de frequentadores do bairro que estudo - jovens que se reúnem em torno de caixas de som em que as batidas de funk são predominantes e que permanecem nas ruas e calçadas, dando outros ritmos à vida noturna da Cidade Baixa. Além da música, os ?baderneiros? - tal como são qualificados por parte dos moradores - compartilham também bebidas alcoólicas trazidas de casa ou compradas em supermercados próximos, o que engendra sociabilidades destoantes dos estabelecimentos ao redor. O colorido das garrafas de ?corote?, ou o chamado ?kit? - geralmente uma garrafa de bebida destilada comprada em conjunto com alguma bebida doce - são as opções mais recorrentes. Tendo por aporte metodológico a perspectiva da etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2013) adentro nas sociabilidades destes jovens através de fotografias e de relatos etnográficos resultado do work de campo que venho realizando desde março de 2019 até o presente momento, para a composição de um quadro analítico de como os mesmos praticam (Certeau, 2014) e significam o bairro, o que leva a discussões acerca da reivindicação política do direito de estar e de pertencer aos lugares da cidade.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: